



Teoria *Queer* sob a ótica Peirceana¹

Annelize Pires AUGUSTO²

Adenil Alfeu DOMINGOS³

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar, através dos estudos de Charles Sanders Peirce (1839-1914), que os signos masculino e feminino não permitem ao interpretante uma apropriação integral da diversidade de gêneros existentes, como foi colocado em xeque pela teoria *queer* ao demonstrar que a maneira de classificar gêneros são apenas uma questão ideológica. Os *queer*, exemplificados neste trabalho pela artista Rogéria e pelo modelo Andrej Pejic, estão obtendo, cada vez mais, um espaço na sociedade e sendo respeitados por suas especificidades, apesar de serem ainda pouco reconhecidos. Desse modo, com os conceitos sógnicos peirceanos será possível analisar os indivíduos *queer* e suas definições particulares.

PALAVRAS-CHAVE: *Teoria Queer; Charles Peirce; Semiótica, Transgênero*

O QUE É A TEORIA *QUEER*

A sociedade desde seus primórdios é baseada em normas, tradições, conceitos e padrões que determinam para os cidadãos o que é aceitável e o que é rejeitado por ela. Algumas questões são tratadas com mais cuidado do que outras, como por exemplo, o sexo. A sexualidade é um dos tópicos mais discutidos e analisados tanto pelos estudiosos e teóricos do assunto, quanto pelas instituições tradicionais que acreditam saber quais são as verdades que devem ser seguidas, como as ditadas pelos discursos da Igreja e do Estado.

A sociedade sempre teve o costume de dividir e classificar todos os seres vivos, inclusive os seres humanos. Em geral, os gêneros estão em dicotomias, como masculino/feminino, homem/mulher e heterossexual/homossexual. A sexualidade deveria delimitar-se ao estabelecido pela tradição e seus padrões eram definidos e propostos de modo convencional, tendo como base a observação feita fisicamente entre machos e fêmeas, portadores de diferentes marcas corporais. Psiquicamente, porém,

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ) – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

²Estudante de graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, email: annepires456@hotmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, email: adenil@faac.unesp.br.



essa dicotomia deixou de que se encaixar quando os “estranhos” a elas começaram a serem notados dentro da sociedade. Eles passaram a ser notados e considerados como seres que não se encaixam nos padrões anteriores e isso colocava em xeque a padrão divisório entre homens e mulheres já que esse novo tipo de sujeito provocou uma dúvida no hábito e no padrão vigente e exigiu uma reconsideração dessa classificação. Semioticamente, os signos existentes para se classificar os gêneros físicos passaram a exigir que os estudiosos desse pormenor buscassem novas explicações sobre os gêneros na sociedade.

O tema tornou-se motivo de congressos científicos, ganhou páginas na mídia e nas revistas científicas sendo amplamente abordado, regulado, normatizado e controlado. Porém, com o passar do tempo, o tópico foi ampliado e mais cientistas sociais acreditaram que poderiam definir quais costumes seriam adequados ou não a outros sujeitos que eram então considerados como *queer*. Com tantos grupos novos de pessoas diferentes querendo mostrar suas verdades sobre o assunto, exigiram uma nova maneira de ver a sexualidade e, por um lado, os *queer* começaram a ser mais tratada como algo normal, e, por outro, que esses sujeitos deveria ser também aceitos por suas maneiras normais de ser na sociedade onde haja liberdade até mesmo experimentar novas maneiras de ser.

Com tantas novas definições e regras sendo promovidas pelos grupos reguladores da sociedade, algumas controvérsias vieram à tona. Aqueles indivíduos que eram diferentes dos considerados “normais”, pela sociedade, tiveram grande destaque e suas questões ficaram visíveis para que todos pudessem discutir, exigindo, assim, novos signos capazes de dar-lhes novas maneiras de existência.

Aliás, as sociedades iniciam suas divisões e definições dos papéis sociais pela divisão sexual. Há instituições sociais que se organizaram a partir da divisão sexual em masculinos/femininos como a religião, dando prioridade a um e colocando o outro em um segundo plano. A definição sexual sempre foi, portanto, uma parte importante na aceitação do indivíduo pela sociedade. A sociedade até a modernidade do século XX entendia como essencial que cada um soubesse de suas preferências sexuais e que as assumisse, como atitudes normais entre homens e mulheres. Porém, algumas pessoas não se encaixavam em nenhuma definição e delimitação de parâmetros dados e acabavam sendo excluídas pelos grupos conservadores.

Os *queers*, portanto, são indivíduos que não se identificam com uma categoria pré-definida por outras pessoas. Eles não se rendem a hierarquias, diferenças entre os gêneros e divisões, os esquemas binários mostram-se obsoletos quando os *queers*



aparecem. Eles ultrapassam os limites delimitados e mostram como a sociedade muda com o passar do tempo, como as pessoas conhecem novas coisas e tem que sair da zona de conforto.

O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva. (Butler, 2002, p. 64, citado por Leandro Colling)

Queer: um histórico

Em uma definição grosseira, o termo *queer*, que vem do inglês, significa estranho, esquisito, raro, excêntrico. Mas a palavra foi usada de forma pejorativa para se referir aos homossexuais, tanto homens quanto mulheres. Grupos que praticavam homofobia utilizavam essa forma para insultar aqueles que eram apontados por ela.

No entanto, grupos das comunidades LGBT deram uma nova significação ao termo que passou a ser usado para determinar um novo panorama de incompatibilidade, oposição e resistência. O termo ganhou uma aura de algo contrário a normalização.

Os *queers* não se preocupam em definir o que são, quais são suas preferências, não se importam em ter uma postura que se enquadra com os padrões, sendo eles heterossexuais ou homossexuais. Gays e *queers* nem sempre concordam com as políticas e normas um do outro. Muito mais que uma identidade, o indivíduo *queer* vive um estado de espírito, uma aura lúdica e sem determinações.

A partir dos anos 90, surgiram estudiosos/as e teóricos/as que se preocuparam em aprofundar-se sobre o assunto e criar uma teoria para descrever o movimento. Através de muitos estudos sobre os desejos, pensamentos e costumes a cerca da sexualidade dos seres, feitos por inúmeros estudiosos/as, foi possível que os teóricos *queer* achessem diversas vertentes com que trabalhar.

Os filósofos modernos obtiveram grande visibilidade com suas teorias sobre a sexualidade e que foram de extrema importância para uma teorização do movimento *queer*. Em suas análises, eles descreveram as espécies e a sexualidade, mostrando que o sistema dicotômico usual não era verdadeiro, para ele existiam mais que sistemas binários, a sexualidade era um campo amplo e variado, sem definições pontuais. A teoria *queer* critica a dualidade heterossexual/homossexual, segundo seus teóricos tanto os discursos avessos à homossexualidade quanto os favoráveis se mostram inseridos nas regras criadas para normatizar a sociedade. Os *queers* não clamam por identidade, aceitação, integração ou separação, mas sim por uma política que não exija definições, práticas e modelos pré-definidos.



Como a História da Sexualidade de Foucault havia mostrado, tal escolha do objeto nem sempre tinha se constituído a base para uma identidade e, como muitas vozes discordantes sugeriam, esse não era, inevitavelmente, o fator crucial na percepção de toda e qualquer pessoa sobre sua sexualidade. Este modelo fazia, efetivamente, com que os bissexuais parecessem ter uma identidade menos segura ou menos desenvolvida (assim como os modelos essencialistas de gênero fazem dos trans-sexuais sujeitos incompletos), e excluía grupos que definiam sua sexualidade através de atividades e prazeres mais do que através das preferências de gênero, tais como os/as sadomasoquistas” (Spargo, 1999, p. 34, citado por Guacira Lopes Louro, 2001)

Apesar da teoria *queer* ter se apresentado como um avanço na área da sexualidade, sua difusão na sociedade ainda é limitada. As pessoas não têm um pleno conhecimento e aceitação das definições que saiam do comum e mostrem que existem outras categorias que podem caracterizar as pessoas.

Andróginos, bissexuais, travestis são considerados *queers* e ainda nos dias atuais são tratados com estranhamento e afastamento por alguns grupos da sociedade.

Neste artigo, como já dissemos antes, iremos analisar dois casos de indivíduos *queer* na mídia brasileira através da ótica teórica da semiótica Peirceana que nos deixa entrever como as classificações são signos que se organizam socialmente a partir de ideologias sociais, que implantam modos de ver e de pensar, mas que os próprios signos, em semiose, podem colocar novas nuances interpretativas, como veremos abaixo.

A Semiótica e a Semiose

O americano Charles Sanders Peirce foi um filósofo, matemático, físico, astrônomo, psicólogo e cientista que era acima de tudo um estudioso da lógica. Para ele, estudar inúmeros campos, não importando a área, era um modo de estudar e entender a lógica. Peirce deu muitas contribuições para as diversas áreas que estudou, mas a principal área foi a semiótica.

Segundo Peirce, a lógica estava inserida em uma teoria geral do signos, ou semiótica. Em seus estudos, Peirce concluiu que toda e qualquer produção pode ser analisada através de uma teoria geral dos signos. A fenomenologia, que delineia os estudos de Peirce, descreve e analisa as experiências do homem, não importando se é ou não real.

A semiótica de Peirce tem como sinônimo a lógica, ou seja, a procura do melhor modo de pensar com clareza, buscando ideias e argumentos, feitos com os signos em



terceiridade, criando leis generalizantes e desconsiderando as diferenças individuais. Essas são formas complexas e compostas que são constantemente reformuladas por outros signos, como sendo seus interpretantes mediados ou imediatos. Os signos são objetos que precisam estar em proximidade com uma mente que os mantenha atuais. O objeto pode ser dinâmico e estar em constante mudança e pode ser imediato dentro do próprio signo.

A lógica, na semiótica peirceana, é a ciência que demarca as formas corretas ou adequadas de raciocínio, levando as pessoas a ordenar os atos racionais, na busca pela verdade e pelo esclarecimento.

A resposta, pelo menos em princípio, é simples: desde o começo do despertar do seu interesse pela Lógica, Peirce a concebeu como nascendo, na sua completude, dentro do campo de uma teoria geral dos signos ou Semiótica. Primeiramente, ele concebeu a lógica propriamente dita (aquilo que conhecemos como Lógica) como sendo um ramo da Semiótica. Mais tarde, ele adotou uma concepção muito mais ampla da Lógica que era quase coextensiva a uma teoria geral de todos os tipos possíveis de signos. (Santaella, 1983, p.20)

Sua semiótica é dividida em três categorias. A primeiridade são as sensações que passam pelos sentidos sem que se tenha consciência, são espontâneas e imediatas. Pode-se dizer também que consiste na qualidade da originalidade do signo estudado, são os acasos, os estranhamentos e coisas imprevistas que não se repetem. É a qualidade de um acontecimento, sua estética. A secundidade é a relação entre o caráter da sensação de um signo e sua factualidade. A qualidade da sensação e da existência do objeto entram em um conflito resultando em lógica e na definição de um objeto ocorre através da ética. A terceiridade é a generalidade do signo, essa categoria une as duas anteriores. É a mediação entre o que é possível e sua realidade concreta. Desse modo, a ideia de *queer* aparece e existe em primeiridade. Ao ser notada passa a ser secundidade e exigir teorias sobre ela. A terceiridade vai se concretizar quando essa ideia sedimentar-se mais na sociedade, destronando a ideia da simples divisão entre masculino e feminino e permitindo novos hábitos sobre como se deve pensar a sexualidade. Quando isso se tornar hábito, instalou-se uma nova crença e, assim, um novo hábito.

Análise do Corpus

Pretende-se demonstrar neste artigo como a semiótica peirceana pode ser utilizada para analisar produtos midiáticos advindos dos mais variados meios. Nesse



caso, utilizaremos os objetos provenientes da teoria *queer* em algumas situações ocorridas na imprensa brasileira.

Em 27 de outubro de 2011, o apresentador Jô Soares entrevistou a atriz transformista brasileira Rogéria em seu programa na Rede Globo de Televisão. Nascida Astolfo Barroso Pinto, a transformista julga-se transgênero e não fez operação de mudança de sexo. Pela teoria *queer*, Rogéria/Astolfo é um indivíduo que pertence a esse grupo, pois sua identidade não é definida pela sua imagem, seja ela a masculina ou a feminina, e sim pelo que a pessoa quis ser.

Ao analisarmos a figura da Rogéria, uma mulher com maquiagem, roupas, sapato de salto, gestos femininos, voz e todas as características que fazem dela uma mulher. Portanto, seu ícone é o de uma mulher. No nível da secundidade, a Rogéria se relaciona com o fato dela ter nascido como Astolfo, um homem. Seu índice é sua imagem como homem, sua identidade original e como ele nasceu. Mesmo sendo conhecido por seu nome feminino, sua secundidade refere-se a como ele nasceu e foi registrado, mesmo que ninguém o reconheça desta maneira, essa é sua verdadeira imagem. Sua terceiridade é como ela é vista pela sociedade, não como homem e não como mulher, mas como um travesti, um homem vestido e agindo como mulher. Seu símbolo é a sua representação de não ser homem, nem mulher e sim uma personagem feminina feita por uma pessoa do sexo masculino.

Relacionando as três categorias examinadas com a teoria *queer*, pode-se perceber que a sociedade ainda não consegue ver uma pessoa pelo que ela escolhe ser, mas sim como alguém que não aceita sua natureza e que usa de artifícios na tentativa de mudar aquilo que ela é. Logo no início da entrevista concedida ao Programa Jô Soares, quando o apresentador fala sobre quem será entrevistado e chama para o palco, ele diz “Eu vou conversar com a minha amiga Astolfo, venha para cá Rogéria” e, logo depois, o apresentador menciona sobre o perfume de Rogéria: “Você também está cheirosa ou cheirosa”. Nessas duas citações é possível reconhecer a confusão que pode ocorrer entre o ícone e o índice em torno da real identidade de Rogéria. É de conhecimento público que ela nasceu homem, mas se apresenta para as pessoas como uma mulher, usando nome feminino, caracterizando-se com trajes femininos, usando maquiagem e se portando como uma mulher, apesar de não negar que seja do sexo masculino. Mas mesmo assim, muitas pessoas não sabem como se referir à pessoas como ela, o que acaba podendo gerar constrangimento e, algumas vezes, preconceito, nesses casos o confronto entre as categorias de primeiridade e secundidade são muito presentes, pois sabe-se o que a pessoa é verdadeiramente uma coisa e, no entanto ela quer transmitir



outra imagem o que nem todas as pessoas aceitam e compreendem. Segundo a teoria *queer*, a identidade não deve ser algo que funciona como uma norma, não pode ser regulada por nenhum tipo de instituição, cada pessoa deve saber sobre o que quer para si e se respeitar como é, e se assim for todos os cidadãos poderão se tratar como iguais não importando como se definem.

“Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos 'abjetos'- aqueles que escapam da norma. Mas, precisamente por isso, esses sujeitos são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem 'o exterior' para os corpos que “materializam a norma”, os corpos que efetivamente 'importam” (Guacira Lopes Louro, 2001, p. 549)

Logo após o comentário em que Jô Soares se confundiu sobre como se referir a ela, Rogéria fez o comentário “Eu sou Astolfo, Dona Rogéria, eu acho muito legal para a minha cabeça isso”. A própria Rogéria demonstra ser confortável com sua situação, sem ter que se preocupar com o que ela é ou não é. Sua primeiridade e secundidade estão presentes em sua cabeça sem que ela necessite mostrar inquietação por não se definir como homem ou mulher, as preocupações da sociedade em distinguir as pessoas, em dar-lhes rótulos e identidades estabelecidas não afetam seu modo de ser quem ela quer ser e quem ela é. Seu ícone e seu índice são definidos por ela, sem se preocupar com o símbolo que passa para os demais. Rogéria sabe os signos que pretende ou não mostrar e vive dessa maneira, do modo como lhe convém e como ela se confortável, não precisando mudar para agradar grupos que definem as pessoas por sua sexualidade.

Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negociação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. (Guacira Lopes Louro, 2001, p. 549)

Em um próximo momento da entrevista, Rogéria se refere “as meninas” para falar sobre os transtêneros que estão fazendo operação de mudança de sexo. Segundo ela, “não tenho nada contra não, as meninas estão se operando, numa ótima mas eu sou Seu Astolfo, eu amo ser o Astolfo e Dona Rogéria”. O signo transmitido é que, mesmo sendo parte de um grupo que é considerado diferente pelos conservadores, ela ainda demonstra a necessidade de não buscar uma identidade única, mesmo não se opondo



contra quem busca, concordando com os teóricos *queer* de que não é preciso definir-se como sendo uma coisa. Rogéria não quis mudar seu ícone e seu índice, ela preferiu uni-los do que ter que optar por apenas um dele e ter que reinventar o outro.

Apesar de sua primeiridade ser feminina, Rogéria demonstra que não sua essência não precisa ser necessariamente de mulher, em certo momento da entrevista quando questionada sobre como ela encara a brutalidade que tem sido feita contra homossexuais, que são agredidos sem motivo aparente, apenas por sua opção sexual ser diferente de algumas pessoas, ela comenta “junta uma pá de gays e vai lá e mete a porrada também”, pode-se perceber que apesar de seu ícone e de seu índice se encaixaram em um modelo dicotômico, eles convivem juntos em sua mente de Rogéria, que não mostra problemas em fazer ver suas características masculinas e femininas juntas.

Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites. A ciência, a Justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e as suas práticas distintos sentidos. (Guacira Lopes Louro, 2001, p. 542)

Em outra parte da conversa com o entrevistador, Rogéria menciona as paradas gays se transformaram em exibicionismo e que ao contrário de sua proposta que é unir todos os tipos de pessoa e promover a igualdade e a paz entre os homossexuais e toda a sociedade. Para ela, os gays não devem sair com seios descobertos e se beijando pois esses atos tem efeito contrário na população que vai assistir ao evento. Pela semiótica de Peirce pode-se constatar que mesmo apoiando os homossexuais, a atriz demonstra que mesmo tendo seu ícone e seu índice ligados ao homossexualismo, o símbolo que algumas paradas gays transmitem para a população não é correto, pois para serem aceitos eles devem trazer as pessoas para perto de uma maneira mais suave.

Em contraposição com a entrevista de Rogéria para o programa de Jô Soares, temos a entrevista do modelo sérvio Andrej Pejic, para o blog de Lilian Pacce. Andrej foi destaque em diversas semanas de moda por sua androgínia e por desfilarem tanto para roupas femininas quanto masculinas. Os andróginos são indivíduos que não podem ser identificados por suas características físicas como sendo do sexo masculino ou feminino e se enquadram como *queers*. Eles podem ou não ter suas preferências sexuais opostas ao seu sexo, mas nem sempre isso acontece. Em uma análise baseada na semiótica peirceana, pode-se perceber que a primeiridade e a secundidade do modelo se misturam



e andam juntas, pois seu ícone e seu índice dependem de como ele está caracterizado, se como homem ou como mulher. E seu símbolo é o de um indivíduo diferente dos normais mas que não pode ser descrito como por suas características físicas. Ao contrário de Rogéria que se define como um transgênero, ou seja, uma pessoa que se veste como sendo do sexo oposto, no caso dela, um homem vestido de mulher, Andrej pode ser definido como sendo ele mesmo, não faz parte de uma comunidade específica, apenas de um grupo que nasce diferente dos outros. Ele poderia ser considerado como alguém “neutro”, que se determina por suas vontades próprias, mesmo possuindo um órgão sexual definido, pois nem sempre é possível perceber qual é sua real classificação dentro dos padrões delimitados pela sociedade.

A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representá-la.(...) Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política. (Guacira Lopes Louro, 2001, p. 543)

Na entrevista Andrej Pejic foi perguntado sobre como se sentia em relação à sua natureza andrógina, ao que ele responde “Me deixa feliz ser assim. Eu sempre precisei ser do jeito que eu sou agora, me sentir confortável na minha própria pele. Acho que sou abençoado, que me deram algo que me possibilita parecer com isso” Podemos perceber que mesmo que sua primeiridade e secundidade não sejam sempre percebidos e separados, ele se sente confortável com sua terceiridade. Seu ícone não é facilmente compreendido, à primeira vista não pode-se afirmar qual a sua sexualidade biológica, ele tem características físicas que levam a crer que ele possa ser uma mulher, como por exemplo, seu modo de andar e sentar, mas também tem características que são tipicamente masculinas, como ter um pomo-de-adão saliente. Mas mesmo seu ícone e índice sendo confusos para quem o observa, para a teoria *queer* o que importa é que ele fique confortável com quem ele é, sem precisar tornar-se prisioneiro das classificações fornecidas pela sociedade conservadora.

Em uma próxima questão, ele comenta que prefere usar o banheiro feminino: “Ah, ir ao banheiro feminino é algo que eu faço sempre, porque quando vou ao masculino as pessoas me olham com uma cara de “cai fora”. Mesmo sua primeiridade sendo indefinida, sua secundidade é masculina, no entanto, alguns grupos mais conservadores da sociedade nem sempre conseguem assimilar a diferença entre o que a pessoa é e o que ela parece ser, o que gera preconceito e exclusão por uma parcela dos indivíduos o que acarreta em insegurança para aqueles que estão sendo apontados como “anormais”.



Escolas, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as "novas" práticas, os "novos" sujeitos, suas contestações ao estabelecido. (Guacira Lopes Louro, 2001, p. 542)

Mesmo tentando seguir o padrão estabelecido, Andrej foi visto como um *queer*, uma pessoa estranha, excêntrica. O que o leva a ultrapassar as barreiras das normatizações exigidas e a seguir o que ele acredita que seja o normal e natural. E conforme ele vai vivendo desse modo, ele vai acreditando e percebendo que o seu modo de ser consigo mesmo, se aceitando e não se importando com o que é considerado normal, não depende de uma identidade definida.

Andrej é perguntado sobre ser do sexo masculino e ter a necessidade de se parecer com um para conseguir determinado trabalho: “Em qualquer outra indústria se você for homem e não se parecer com um homem, não terá emprego. É a realidade. Pode ser uma desvantagem. Mas como eu estou nessa indústria, tudo bem!” Nessa passagem, é possível perceber como a primeiridade é importante para determinados setores da sociedade, como os aspectos imediatos tem grande relevância para as pessoas confiarem um trabalho a alguém, e como ícone e seu índice precisam ser coerentes, um precisaria estar conectado ao outro para obterem sentido separadamente. Pelo olhar de pessoas conservadoras, os indivíduos devem se parecer com aquilo que são, homens tem uma imagem visual masculina e mulheres tem uma imagem feminina, os que não se enquadram dentro de suas especificações não fazem parte da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria *queer* surgiu ao redor dos anos 90 com um pensamento de que as pessoas não precisam criar uma identidade fixa, eles devem sentir-se confortáveis com o que são em sua essência e não buscar se encontrar na exigências das sociedades de se reconhecer nos paradigmas previamente fixados. As dicotomias usuais, masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual foram produzidas por instituições conservadoras que pretendiam mostrar o que era aceito e o que era rejeitado. Estas serviam apenas para normatizar a sociedade e criar modelos padronizados para que a vida não fosse circundada por categorias diversas que pudessem demonstrar o quão variada a sexualidade poderia ser. Os *queer* eram vistos como indivíduos “anormais”



pois não se encaixam nas dicotomias e não se importavam com isso, eles viviam suas realidades singulares e não se importando com a necessidade de se auto-afirmar para ser aceito.

Os animais dividem-se em a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta lista, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etc, m) que acabam de partir o jarro, n) que de longe parecem moscas. (Jorge Luís Borges, O idioma analítico de John Wilkins, Prosa Completa, vol. 3, p. 111, citado por Olga Pombo, Da classificação dos seres à classificação dos saberes.)

Para os teóricos *queer*, as divisões são apenas práticas usadas como artifício de homogeneização do grupo social em que se vive. Em uma análise através da semiótica de Charles Sanders Peirce, pode-se perceber que as categorias de primeiridade, secundidade são de extrema importância para as pessoas poderem fazer definição exata das demais, e para aquelas que desconhecem a pluralidade de gêneros existente. A primeiridade que poderia ser considerada a primeira impressão que se tem de alguém, deveria mostrar o ícone do indivíduo imediatamente para quem o observa, sem que fosse necessário ultrapassar os limites dos sentidos. A imagem está, definitivamente, ligada ao índice e para os grupos conservadores é necessário que os dois tenham uma similaridade, para estarem de acordo com suas normas e, assim seu símbolo perante os demais estará de acordo com o que é designado. Mesmo quando os homossexuais “foram descobertos”, sua imagem e seu índice continuaram ligados, pois um homossexual continuava sendo identificado por seu gênero, ele/ela tinha apenas uma preferência sexual diferente do que as normas estabeleciam.

No entanto, quando a teoria *queer* surgiu tudo o que já havia sido discutido, normatizado, padronizado e limitado sobre a sexualidade, teve que ser revisto. O ícone e o índice não precisam mais ter uma correspondência direta. Andróginos, travestis, transgêneros mostraram que a primeiridade não é a verdade pura, não se pode julgar uma pessoa pela primeira impressão que se tem dela, a secundidade é importante pois mostra quem a pessoa genuinamente é, não importando seu exterior, sua imagem. Um *queer* não se importa com a definição da sua identidade, ele não se importa com isso logo, sua primeiridade não garante que ele é o que aparenta, sua secundidade irá revelar quem ele é, e ele não se importa com o símbolo que ele está transmitindo para o resto das pessoas e sim com a sua vida. Assim, entende-se como Peirce via a necessidade de



dar ao signo uma imagem que pudesse corresponder a algo existente na natureza e não apenas de signos construídos de modo ideológico que acabam por não se sustentar em sua maneira de existir, pois há uma defasagem por demais contundente entre o signo e o seu referente, a ponto de exigir uma nova maneira de pensar o seu referente.

Por isso, a teoria de Peirce é pragmática e entende que o signo é não só terceiridade, convencionalidade, generalização, mas os signo singulares acabam por determinar mudanças de significação quando o homem percebe essas defasagens. Por isso, também, não existe um signo como sendo verdade absoluta, já que todo signo pode ser repensado, ou melhor, está em constante metamorfose, em seu processo de semiose. A ideia de *queer* começa a ganhar um referente que situa sob sua ideia um novo modo de fazer a classificação dos gêneros clássicos, masculinos e femininos, ou macho e fêmea, exigindo um repensar contínuo sobre essa classificação. Desse modo, referente e signo estão em constante ressignificação como mostramos neste artigo.

Referências Bibliográficas

Andrej Pejic fala a verdade pro Blog LP!. Em: <<http://msn.lilianpacce.com.br/home/andrej-pejic-entrevista-com-o-modelo>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

COLLING, L. **Teoria *Queer***. Em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

LOURO, G. L. **Teoria *Queer*** - Uma Política Pós-Identitária para a Educação. Estudos Feministas; fevereiro de 2001. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2012.

MISKOLCI, R. **A Teoria *Queer* e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. 2009. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

ROGÉRIA. **Programa do Jô**. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 27 de outubro de 2011. Programa de entrevista.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

_____. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2011.